

UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS
Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – 7ª Edição
Trabalho de Conclusão de Curso

**PROBLEMAS DA REPRESENTAÇÃO DA NARRAÇÃO EM TEXTOS
ESCOLARES**

Luciane dos Santos
Sergio Menuzzi¹

Resumo

A dêixis é o fenômeno linguístico que permite a quem escreve a contextualização de seu enunciado. E essa contextualização é imprescindível para o estudo do texto sob a perspectiva do discurso, visto que se faz necessária a análise dos elementos constitutivos da enunciação para a compreensão plena do texto produzido. Esse trabalho propôs-se a analisar o modo como os elementos dêiticos aparecem nos textos de estudantes de Ensino Médio. Nas referidas análises, tem-se verificado que os elementos de dêixis temporal, principalmente os verbos, são utilizados de forma diversa da prescrita pelas gramáticas, porém, seu uso permanece compreensível à luz de teorias como as de Fiorin, Flores e Maingueneau. Assim, a revisão bibliográfica apresentada neste trabalho, juntamente com as análises dos elementos dêiticos nas produções textuais escolares, tem a pretensão de proporcionar a alunos e professores uma reflexão sobre os critérios de seleção dos elementos linguísticos a serem usados com referência ao tempo, espaço e pessoa, oportunizando-lhes a percepção de que a escolha desses elementos está intimamente ligada à perspectiva enunciativa do autor do texto, ou seja, ao lugar e ao tempo de onde este observa os fatos narrados: se em relação ao momento da fala ou em relação a uma situação que é determinada no texto.

Palavras-chave: dêixis; enunciação; análise de textos.

Introdução

A produção textual é a atividade que melhor revela o entendimento do aluno sobre os temas discutidos em sala de aula, sobretudo quando se parte do pressuposto de que é resultado

¹ Professor da 7ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

de um acontecimento único, a enunciação. Sendo assim, supõe determinados elementos que devem ser considerados no enunciado, quais sejam: o enunciador, o destinatário, o momento e o lugar que compõem esse acontecimento do qual resulta o texto. Percebe-se, assim, que a análise aqui proposta não se restringe ao linguístico, mas considera como elemento constituinte da formação de sentidos o extralinguístico, articulando o enunciado à situação de enunciação. Esta perspectiva constitui um campo vastíssimo para análise de elementos linguísticos diversos e curiosos como são os dêiticos, cuja função é localizar determinados elementos no contexto espaço-temporal, social e discursivo, a partir dos quais o narrador vai definir a sua própria localização. Em outras palavras, a perspectiva da qual ele narra os fatos poderá ser dêitica, e aí se baseia no momento da enunciação, ou não-dêitica, e então se baseia na referência a algum elemento linguístico, isto é, interno ao texto. Entretanto, nem sempre é fácil ao enunciador estabelecer essa perspectiva e escolher os elementos linguísticos que a determinam, o que leva, muitas vezes, a outra dificuldade na produção de textos, que é o uso incorreto das marcas de tempo inscritas nas formas verbais.

A análise da produção escrita dos alunos, levando-se em conta os aspectos apresentados, pode proporcionar-lhes, bem como aos professores, uma reflexão sobre os critérios de seleção dos elementos linguísticos a serem usados como referentes de tempo, espaço e pessoa, oportunizando-lhes a percepção de que a escolha desses elementos está intimamente ligada à perspectiva enunciativa do seu autor, ou seja, o lugar e o tempo de onde ele observa os fatos narrados: se em relação ao momento da fala como em “*Tenho* medo que hoje *se chame* Dr. Fulano de Tal”²; ou em relação a uma situação que é determinada no texto: “*Atrás da casa ficava a Rua da Saudade... onde se ia fumar escondido [...]*”.

Logo, partindo do prisma de promover essa reflexão, este trabalho analisa textos escolares, nos quais se observa a situação da dêixis, ou seja, este artigo é constituído por análise de elementos dêiticos, feita em recortes³ de textos produzidos por alunos de Ensino Médio, levando-se em conta as teorias da enunciação e da dêixis, principalmente as tecidas por Fiorin (2008), Flores (2005 e 2008) e Maingueneau (1996 e 2002).

Para que essas análises sejam desenvolvidas adequadamente, o trabalho apresenta-se dividido em duas partes.

² Exemplo observado em “Verbos e práticas discursivas”. Ed.Contexto, 2011.

³ Entenda-se “recorte”, segundo Orlandi (apud GUIMARÃES, 1987, p. 13), “uma unidade discursiva”, ou seja, são “fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim um recorte é um fragmento da situação discursiva”.

A primeira parte traz a Teoria da Enunciação e o Fenômeno da Dêixis, conforme Fiorin, Flores e Maingueneau, assim como um breve panorama sobre os elementos dêiticos e suas relações de sentido no texto.

Na segunda parte, encontram-se as análises dos elementos dêiticos em produções escolares, alicerçadas nos aspectos estudados. Essas análises observam as relações entre o texto, a situação enunciativa e os elementos dêiticos nele apresentados.

Ao final deste trabalho, tem-se a pretensão de poder traçar um panorama sobre quais os caminhos mais percorridos pelos estudantes para estabelecer relações entre o que narram e a perspectiva que escolhem para fazer isso.

1 A situação de enunciação

A situação de enunciação, conforme Ilari e Geraldi (2006), precisa ser tomada como o ponto de partida para análises de fenômenos que colocam em cheque visões limitadoras da significação. “As teorias da enunciação estudam as marcas do sujeito no enunciado [...]” (FLORES, 2005, p. 11); no entanto, apesar de suporem um sujeito, não tecem teorias sobre ele, tendo seu foco de interesse direcionado ao sentido advindo dos enunciados produzidos por esse sujeito. (FLORES, 2005).

O conceito de enunciação não pode ser entendido como uma forma de estudo da superficialidade da língua, pois, segundo Flores (Ibidem, p. 12),

Com ele, consolida-se o estudo que busca evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. As marcas de enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter à instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação.

Dessa forma, faz-se necessário o estudo do aparelho formal da enunciação⁴, ou seja, dos elementos que envolvem a enunciação no momento de sua realização, pois a enunciação, segundo Anscombre e Ducrot (apud Fiorin, 2008a, p. 31), é:

[...] a atividade linguageira exercida por aquele que fala no momento em que fala [...] é, portanto, por essência histórica, da ordem do acontecimento e, como tal, não se reproduz nunca duas vezes idêntica a si mesma.

⁴ Entenda-se “aparelho formal da enunciação”, segundo Flores (2005, p.37), “[...] uma espécie de dispositivo que as línguas têm para que possam ser enunciadas. Esse aparelho nada mais é que a marcação da subjetividade na estrutura da língua.”

Logo, é imprescindível, em análises de textos sob a perspectiva do discurso, o estudo das pessoas, dos espaços e dos tempos envolvidos no momento da enunciação.

As pessoas, os espaços e os tempos da enunciação são elementos denominados por Flores (2005) de “categorias fundamentais da enunciação” e fazem referência à própria enunciação, e não ao mundo, pois a língua não é uma nomenclatura superposta à realidade, seu uso é sempre instaurador de novos sentidos. Para Benveniste (apud FLORES, 2005, p.37), “[...] o referente é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância de uso [...]” Ainda, segundo Flores (Idem),

Benveniste utiliza a noção de referência para estabelecer o [?] valor semântico daquilo que chama de frase – que poderia ser também chamada de *enunciado* [...] se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que *nós não podemos jamais prever ou fixar*. (grifos do autor)

Portanto, o sentido de um enunciado é estabelecido pelo contexto em que este se apresenta; já as referências pessoais, temporais e espaciais são marcas que delimitam esse contexto. Ou seja, ao estabelecer referências de pessoa, tempo e espaço, o enunciador induz à formação de sentidos.

Clara, então, a noção de que cada enunciado é único, pois possui referentes singulares e que, por isso, cada enunciação é carregada de sentidos não reproduzíveis, faz-se necessário a apresentação dos mecanismos⁵ que a envolvem, a *debreagem* e a *embreagem*.

Segundo Fiorin (2008b), a enunciação é o lugar do *ego, hic et nunc*⁶, ou seja, todo tempo e espaço organizam-se em torno do sujeito, tomado como ponto de referência. Portanto, faz-se necessário precisar qual dos mecanismos da enunciação foi instaurado no momento de sua produção, a *debreagem* ou a *embreagem*.

De acordo com Greimas e Courtés (apud Fiorin, *Ibidem*, p. 25):

Debreagem é a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si, no momento da discursivização, certos termos ligados a sua estrutura de base com vistas à constituição dos elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo.

⁵ Entenda-se “mecanismos”, segundo Fiorin (2008b, p. 25): “[...] o processo de instauração de pessoas, espaços e tempos no enunciado [...]”

⁶ Entenda-se “*ego-hic-nunc*”, segundo o Dicionário Básico Latino-Português (2003): *ego* = eu (pron. pess.); *hic* = aqui, neste lugar (adv.); *nunc* = agora, hoje em dia, então (adv.)

Por exemplo, no enunciado “Penso, logo existo.”, os elementos que sinalizam um caso de debreagem são: *Penso* e *existo*. Esses elementos indicam a presença do sujeito da enunciação (eu), sendo esse o ponto de referência para acompanhamento dos fatos apresentados no enunciado.

Logo, sendo o momento da discursivização o criador da pessoa, do tempo e do espaço da enunciação é, também, no caso da debreagem, um projetor no enunciado de um *não eu*, um *não aqui* e um *não agora*: a pessoa, o tempo e o espaço da enunciação são sempre pressupostos, e não pessoa, tempo e espaço reais. Isso porque a enunciação permite dar “voz”, estabelecer um tempo e um lugar a qualquer ser personificado e, instaurá-lo como pessoa ao lhe conceder a palavra.

A debreagem instaura no texto um actante — enunciador e/ou enunciatário, um espaço e um tempo, ou seja, pode ser actancial, espacial e temporal, porque, conforme afirmação de Fiorin (2008a, p. 42):

Enunciar é criar. [...] a enunciação permite que todo ser, num processo de personificação, torne-se um enunciador e instaure como enunciatário, bastando para isso que se dirija a ele, qualquer outro ser, concreto ou abstrato, presente ou ausente existente ou inexistente. A enunciação tem o poder de convocar aqueles a quem diz *tu* e instaurar como pessoa aqueles a quem dá a palavra. (grifo do autor)

Partindo-se do conceito de que a enunciação dá “voz” a seres diversos, instaurando-os como sujeitos e lhes atribuindo referências de tempo e espaço, faz-se necessária uma distinção entre dois tipos de debreagem: a enunciativa e a enunciva. Segundo Fiorin (2008a, p. 43-44):

A primeira é aquela em que se instalam no enunciado os actantes da enunciação (*eu/tu*), o espaço da enunciação (*aqui*) e o tempo da enunciação (*agora*), ou seja, aquela em que o *não-eu*, o *não-aqui* e o *não-agora* são enunciados como *eu*, *aqui*, *agora*. (grifos do autor)

Assim, na debreagem enunciativa, é preciso levar em conta o sujeito enunciador, todo espaço ordenado em função do *aqui*, e os tempos⁷ ordenados em relação ao *agora*.

Quanto à debreagem enunciva, Fiorin (Ibidem, p. 44-45, grifos do autor) afirma que: “[...] é aquela em que se instauram no enunciado os actantes do enunciado (*ele*), o espaço do enunciado (*algures*) e o tempo do enunciado (*então*).” Portanto, com a debreagem enunciva, o tempo e o espaço não são relativos ao momento da enunciação, mas a um momento

⁷ Segundo Fiorin (2008b, p. 44, grifos do autor): “Considerando-se o momento da enunciação um marco zero e aplicando-se a ele a categoria topológica *concomitância/não-concomitância* (*anterioridade/posterioridade*), obtém-se o conjunto dos tempos enunciativos.”

demarcado no texto – isto é, no “enunciado” –, e ao sujeito da enunciação não é dada “voz”, como acontece na debreagem enunciativa.

Fiorin (2008a, p. 45) assim explica a instauração da pessoa, do tempo e do espaço, através do mecanismo da debreagem enunciativa:

O texto [...] [apresenta] uma debreagem actancial enunciativa quando nele se estabelece o actante do enunciado [...]. O tempo começa a ordenar-se em relação a uma demarcação constituída no texto. O espaço estabelecido no texto não é o *aqui* da enunciação, é um ponto marcado no texto. (grifos do autor)

Por exemplo, no enunciado “João, a Maria me disse que não foi àquele parque no outro dia!”, os elementos que revelam a debreagem enunciativa são *Maria, disse, àquele parque, e outro dia*: são eles que indicam que há no texto um novo ponto de referência, instaurado no enunciado. Entende-se que há um “eu” que convoca um “tu” (João) para falar e dar voz a um “ele” (Maria) que, por sua vez, traz para o texto um tempo e um lugar que não representam o momento da enunciação.

Portanto, entende-se que a debreagem enunciativa não carrega marcas que são pertinentes ao momento da enunciação. No entanto, para que se compreenda as diferenças entre os dois mecanismos de debreagem, torna-se necessário atentar para os dois efeitos de sentido criados por eles: o de subjetividade e o de objetividade. A respeito desses sentidos, Fiorin (2008a, p. 45) declara:

[...] a instalação dos simulacros do *ego-hic-nunc* enunciativos, com suas apreciações dos fatos, constrói um efeito de subjetividade. Já a eliminação das marcas de enunciação do texto, ou seja, da enunciação enunciada, fazendo que o discurso se construa apenas com enunciado enunciado, produz efeitos de sentido de objetividade..

Conforme a citação anterior, a subjetividade está diretamente relacionada às marcas enunciativas impressas no discurso, no momento de sua produção. Singulares por serem irreproduzíveis, visto que são carregadas de impressões de um sujeito, em determinado tempo e espaço. Já o sentido de objetividade está ligado à debreagem enunciativa, por esta não apresentar elementos que façam referência ao *ego-hic-nunc*.

Contudo, para que se entenda o mecanismo de debreagem, ainda é preciso considerar a debreagem interna, pois ela representa uma segunda debreagem sobre um actante. Conforme afirma Fiorin (Idem):

Trata-se do fato de que um actante já debreado, seja ele da enunciação ou do enunciado, se torna instância enunciativa, que opera, portanto, uma segunda debreagem, que pode ser enunciativa ou enunciva. É assim, por exemplo, que se constitui um diálogo: com debreagens internas, em que há mais de uma instância de tomada de palavra. Essas instâncias subordinam-se umas às outras: o *eu* que fala em discurso direto é dominado por um *eu* narrador que, por sua vez, depende de um *eu* pressuposto pelo enunciado. (grifos do autor)

Tal fenômeno pode ser observado no texto a seguir:

“— João, a Maria me disse que não foi àquele parque no outro dia!

Nesse momento João entra e fecha a porta com violência. Cala-se Pedro então. Não havia mais nada a ser dito.”

No exemplo apresentado, verifica-se a alternância de instâncias que se subordinam umas as outras. Em primeira instância há um discurso direto que é dominado pela presença do narrador que, por sua vez, é dependente do “eu” pressuposto pelo enunciado (Pedro).

Logo, na debreagem interna, quando uma personagem toma a palavra, há um tempo que se sobrepõe ao tempo já apresentado e um actante que retoma a instância enunciativa, ainda que subordinado por um eu narrador. Ou seja, em geral, a debreagem interna serve para criar um efeito de sentido de realidade. (FIORIN, 2008a).

Outro mecanismo da enunciação é a embreagem, que Fiorin (2008a, p. 49) caracteriza como “[...] ‘o efeito de retorno à enunciação’ produzido pela neutralização das categorias de pessoas e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado.” (grifos do autor). Ou, de acordo com Greimas e Courtès (apud Fiorin, 2008a, p. 52), “A embreagem, ao contrário da debreagem, que referencializa as instâncias enunciativas e enuncivas a partir de que o enunciado opera, desreferencializa o enunciado que ele afeta.”

Conforme as afirmações acima, o mecanismo de embreagem anula um *eu*, instaurado pela debreagem, em favor de um *ele*. O mesmo procedimento acontece com as instâncias de tempo e de espaço, pois, ainda, segundo Fiorin (Ibidem, p. 48):

Negar o enunciado estabelecido é voltar à instância que o precede e é pressuposta por ele. Por conseguinte, obtém-se na embreagem um efeito de identificação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, tempo do enunciado e tempo da enunciação, espaço do enunciado e espaço da enunciação.

Tal fenômeno pode ser observado no texto a seguir:

“— João, a Maria me disse que não foi àquele parque no outro dia!

Nesse momento João entra e fecha a porta com violência. Calei-me. Não havia mais nada a ser dito”

No exemplo apresentado, o elemento que revela que estamos diante do processo de embreagem é *Calei-me*: é ele que indica que há uma relação entre *João*, sujeito do enunciado, e o *eu* da enunciação.

Portanto, os referidos mecanismos da enunciação propiciam o estudo de um conjunto de elementos universais da linguagem, que possibilitam a compreensão do sentido do texto e das intenções, muitas vezes, subentendidas de seus produtores. Contudo, para um melhor entendimento da subjetividade presente na enunciação, é preciso tornar claras as pressuposições estabelecidas pela noção de dêixis.

1.1 A dêixis

Como foi visto anteriormente, a análise do discurso deve partir do entendimento do processo de enunciação e levar em conta os elementos pragmáticos que a envolvem. Porém, para que a compreensão do discurso se dê de forma satisfatória, é preciso que fique clara a noção de dêixis e a sua relação com a pragmática, pois, segundo Ilari e Geraldi (2006, p.66), a dêixis:

[...] é um dos traços que distinguem a linguagem humana das linguagens artificiais, tornando-a apropriada para o uso em situações correntes. [...] O fenômeno da dêixis dá às línguas naturais uma grande agilidade; em contrapartida, as frases que comportam elementos dêiticos só podem ser interpretadas em estreita conexão com situações determinadas, e a informação que transmitem varia com o variar dessas situações.

Dessa forma, os dêiticos têm por função articular enunciado e enunciação. A dêixis “[...] fixa a ancoragem da linguagem no mundo real ou o posicionamento de um enunciado numa realidade que o circunda.” (GUIMARÃES, 2009, p. 80).

Por exemplo, em “Adorávamos brincar no sótão. Criávamos um mundinho particular. Lá, éramos mais felizes!”, *Lá* é um elemento dêitico: é ele que precisa de contextualização para poder ser interpretado e permitir que o enunciado, por sua vez, também seja interpretado.

Ou seja, o fenômeno da dêixis está diretamente ligado às circunstâncias da enunciação, e isso implica um esforço de entendimento por parte do interlocutor. Assim, a imprecisão das informações dêiticas e sua não contextualização podem afetar a compreensão do discurso e prejudicar seu sentido (GUIMARÃES, *ibidem*), visto que, segundo Possenti (1993), nem

sempre as condições de enunciação são ideais para os falantes e, portanto, faz-se necessário que as referências dêiticas sejam ajustadas para evitar possíveis ambiguidades.

1.2 O emprego dos dêiticos

As formas dêiticas figuram como elementos fundamentais no processo da contextualização. Esses elementos constituem referência a algum objeto ou signo do mundo real representado no texto (GUIMARÃES, 2009). Mais especificamente, conforme Guimarães (2009, p. 80),

Para interpretar essas formas numa mostra de discurso, é necessário saber quem são o **falante** e o **ouvinte (dêixis pessoal)**, bem como o **espaço (dêixis espacial)** e o **tempo (dêixis temporal)** de produção do discurso – dependendo, então, o sentido do discurso das circunstâncias da enunciação. (grifos do autor)

Em vista disso, a interpretação desses termos, só pode ser definida com referência à mensagem, ou seja, são elementos que remetem obrigatoriamente à mensagem, articulando, segundo Fiorin (op. cit), código e mensagem.

As palavras de Guimarães encontram eco nas de Ilari e Geraldi (2006, p.67), para quem a apresentação do contexto dêitico

[...] traz uma informação diferente conforme o momento em que é pronunciado e a pessoa que o pronuncia. Essa peculiaridade da interpretação dos dêiticos permite ilustrar de maneira particularmente instrutiva a distinção [...] entre *sentido* e *referência* [...] o sentido mantém-se constante com o variar das circunstâncias, mas a referência muda. (grifos do autor).

Logo, se “[...] a enunciação é a instância que povoa o enunciado de pessoas, de tempos e de espaços” (FIORIN, 2008b, p. 137), os elementos dêiticos apontam para essas circunstâncias. Pois tratam-se de “[...] expressões (pronomes, verbos e advérbios) que permitem identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da situação de fala [...], ou seja, palavras que mostram [...]”. (ILARI E GERALDI (2006, P.66).

2 Análise de textos produzidos por alunos do Ensino Médio

Este capítulo será construído com as análises de textos escolares, nos quais se observa a situação da dêixis, ou seja, será constituído por análises de elementos dêiticos, feitas em recortes de textos produzidos por alunos de Ensino Médio, levando-se em conta os aspectos estudados.

Os referidos textos foram produzidos ao final de uma sequência didática, em uma escola estadual, localizada no município de Parobé. As produções textuais foram realizadas no segundo semestre do ano de 2012, por estudantes do 1º ano do Ensino Médio diurno.

A sequência didática que culminou com a produção textual do gênero conto de mistério, desenvolveu-se a partir do interesse dos estudantes pelo tema “terror e mistério”, instigado pelo lançamento do filme, bem como do livro, “Crepúsculo”⁸. A proposta de trabalho levada aos alunos seguiu as seguintes etapas: a) motivação: a criação de um ambiente propício para a leitura do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles; b) análise de textos e exploração das características da narrativa, a partir dos contos “O retrato oval”, “O gato preto” e “Assassinatos na rua Morgue”, de Edgar Allan Poe; c) exposição e debate sobre as conclusões acerca das características do gênero “conto de mistério”, construídas coletivamente; d) início das produções textuais; e) confraternização para a leitura dos contos produzidos.

Inicialmente, o objetivo da referida sequência era propiciar a cada estudante um estímulo para a produção do gênero conto de mistério, pois, segundo os Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul, doravante designados RC, vigentes desde o ano de 2009, a produção de textos deve ser direcionada a um interlocutor em potencial, de quem o enunciador possa presumir inferências. Para atingir a este objetivo, realizou-se um “intercâmbio textual”: os textos mudaram de mãos em três momentos distintos da sequência narrativa – na situação inicial, na complicação e na situação final. A troca de textos se deu entre duplas de alunos, um aluno de cada turma. Assim, o que lhes cabia fazer era ler os fragmentos de textos recebidos, buscar compreendê-los e debater em sala de aula as prováveis intenções de seus produtores, para que pudessem dar continuidade ao texto, sendo que cada aluno produziu dois textos, em duplas diferentes, ora iniciando a narrativa, ora produzindo a complicação, ora a situação final.

⁸ MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

A análise que se apresenta a seguir pretende estabelecer relações entre o texto, os elementos dêiticos nele apresentados e a situação enunciativa.

A partir das releituras efetuadas, é possível evidenciar algumas formas canônicas das narrativas em produções escolares, como em:

- (1) Certa noite Maria passava tranquilamente por um cemitério, olhou de repente para o lado viu um vulto, sentiu um medo, olhou para trás e deparou-se com algo surpreendente. (grifo nosso, anexo 1, p.38-39).

O trecho é iniciado com o marcador temporal *certa noite*, que condiz com o tempo verbal pretérito imperfeito, pois ambos criam o cenário. A locução adverbial escolhida define o momento geral dos acontecimentos, instalando a cena fora da enunciação, pois se refere ao tempo do enunciado. A forma verbal *passava*, de acordo com Fiorin (2008), implica a ideia de continuidade, o que corrobora com a criação do cenário, indicando que o fato (a aproximação do vulto) foi concomitante à passagem da jovem pelo cemitério, assim, vinculando os fatos ao momento de referência estabelecido em *certa noite*. Em seguida, a locução prepositiva *de repente* instaura na narrativa uma complicação que deflagra uma sequência de ações. Essa sequência, expressa por verbos flexionados no tempo pretérito perfeito (*olhou*, *viu*, *sentiu*, *olhou* e *deparou*), é utilizada para dar ao trecho um caráter dinâmico.

No entanto, os textos produzidos por alunos trazem diferentes perspectivas quanto à demarcação do sujeito, do tempo e do espaço na narrativa, como se observa no texto abaixo:

- (2) A escuridão tomava a rua, e a cada passo que ela dava o medo a assombrava, as folhas caíam e o vento soprava forte demais.
De repente uma carroça apareceu do nada...
Era apenas o verdureiro, Anita estava indo para a casa algo a surpreende sua mãe e sua avó e tias estavam reunidas num círculo [...]. (grifo nosso, anexo 2, p. 40-41).

Nesse texto, as formas verbais *tomava*, *dava*, *assombrava*, *caíam* e *soprava*, que ocorrem no primeiro parágrafo, estabelecem o plano de fundo da narrativa, o mesmo acontecendo com *era*, *estava* e *estavam*, no terceiro parágrafo, pois servem para descrever o cenário.

No segundo parágrafo, a locução prepositiva *de repente* é inserida na narração para instaurar uma perturbação e quebrar o ritmo da narrativa. Em seguida, o aluno-autor apresenta

o fato que dá razão à narrativa, utilizando para isso o verbo *aparecer* flexionado no pretérito perfeito. É provável que ele tenha feito uso desse tempo porque, além de indicar no texto sequencialidade, exprimir concomitância em relação ao momento de referência (indicando que a aparição da carroça se dá ao mesmo tempo em que ela caminhava, “*dava passos*”), assinala descontinuidade, ou seja, apresenta um fato que irrompe, súbito e diferente do conjunto de eventos que se desenrolavam de modo contínuo e, portanto, indiferenciados. Desse modo, o aspecto perfeito, pontual, serve para ressaltar um evento que rompe com uma situação mais ou menos estática, dando centralidade àquele evento único. A hipótese de descontinuidade em relação à situação de fundo, impressa pela forma verbal *apareceu*, é reforçada, em seguida, pelos verbos *ser* e *estar*, no pretérito imperfeito, que proporcionam o retorno ao plano anterior, isto é, ao plano da descrição de uma situação estática, em que não há “algo importante acontecendo”. De fato, há uma quebra de expectativa quando Anita descobre que quem vinha na carroça era o verdureiro – a aparição da carroça levanta a expectativa de que “algo vai acontecer”, mas esta expectativa é quebrada pela descoberta de que era “apenas” o verdureiro. Note-se, inclusive, que este enunciado poderia ser introduzido pela conjunção *Mas*, que marca justamente quebra de expectativas. Se, em vez de o verdureiro, fosse um fantasma que tivesse aparecido, nem *apenas* nem *Mas* seriam adequados.

Voltando ao texto do aluno, observa-se que a linearidade do texto é quebrada, novamente, por uma nova complicação, agora instaurada a partir da forma verbal *surpreende*. Nesse momento, a situação estável, contínua, instaurada (Anita estava indo para casa) é novamente interrompida, o que é sinalizado pela ocorrência do tempo subvertido, implantado pelo uso do tempo presente com valor de pretérito. Ou seja, o passado é presentificado através de uma embreagem temporal, processo este que transforma o enunciado enuncivo em enunciação enunciva.

No próximo texto selecionado, tem-se uma construção de sentido diversa do recorte anterior.

(3) É tão vasto o silêncio da noite na montanha. É tão apavorante e despovoado.

É um silêncio que não dorme, tenta-se trabalhar para não ouvi-lo ou pensar depressa para disfarçá-lo ou inventar um programa.

Mas, como inventar um programa se aquela sensação de medo não para. (...) Mas de repente aparece uma coisa no escuro não parecia nem ser humano nem animal. (grifo nosso, anexo 3, p. 42).

Nesse texto, percebe-se que a descrição do espaço e do ambiente, diferentemente do que é visto no recorte 1, não se vincula ao tempo verbal, mas recorre a ele como referência para imprimir ao texto a ideia de algo ilimitado, contínuo, como acontece em *É, dorme e tenta*. Portanto, sendo o momento da referência ilimitado, não se trata de uma “situação particular em andamento” cuja interrupção dá início à história; é um pano de fundo diferente – atemporal, que permanece e ultrapassa, inclusive, os eventos para os quais serve de fundo. Compare-se o efeito de substituir o presente do indicativo, usado em (3), pelo pretérito perfeito (“Era tão vasto o silêncio da noite na montanha...”): nesse caso, o fundo não seria uma situação genérica, atemporal, mas um situação contínua particular no passado. Esse aspecto de ilimitação do momento de referência é instaurado no texto pelo uso do presente omnitemporal ou gnômico (FIORIN, 2008a).

Logo, com base na teoria de Fiorin (Idem), que declara que um dos casos de relação entre o momento de referência e o momento da enunciação é o presente omnitemporal ou gnômico, é possível tecer uma hipótese que possa explicar a aplicação do tempo presente no início da narrativa como forma de constituir um fundo apropriado para a estória. Então, é provável que o estudante tenha querido dar ao enunciado uma ideia de verdade, senão eterna, ao menos constante e profunda.

Quanto ao pronome *aquela*, segundo Maingueneau (2002), trata-se de um elemento embreante, pois faz referência a um sentimento declarado no ato da enunciação e revivido através da retomada pelo pronome; o que reforça a intenção do autor: cativar o leitor através da veracidade constante que impregna o texto, seja pela presentificação dos acontecimentos, seja pela evocação, através do mecanismo de retomada, de sentimentos supostamente compartilhados com o leitor.

Movimento idêntico ao observado nos exemplos (1) e (2) acontece a partir da locução prepositiva *de repente*, acrescida do verbo *aparecer*, flexionado no presente: fica clara a operação de embreagem, ou seja, a intenção do enunciador de efetivar o retorno à instância da enunciação, isto é, traz para si a atenção do leitor, conduzindo-o, fazendo com que ele observe os fatos da perspectiva do enunciador. No entanto, a forma verbal *parecia* proporciona uma nova alteração, pois o pretérito imperfeito é empregado de forma a pressupor uma relação de dúvida da qual o narrador se exime, transferindo-a para o âmbito do enunciado. De acordo com a teoria de Benveniste, estudada em Fiorin (2008), ao promover a mudança do tempo empregado, o enunciador transfere o ponto de referência temporal, embora não modifique o sentido do enunciado. Essa mudança de ponto de referência torna o enunciado mais objetivo, pois ao transferir a instância da enunciação para o passado, as marcas do enunciador

praticamente desaparecem. Dessa forma, o locutor empresta a outro *eu*, ou seja, ao actante do enunciado, sua voz, transferindo, assim, o tempo da enunciação para o tempo do enunciado, como fica claro no excerto que segue.

- (4) Ao anoitecer uma jovem chamada Evelin caminha em uma avenida em direção a sua casa, quando de repente ocorre um imprevisto e sussurra no pé do ouvido de seu amado que algo de errado está acontecendo desde quando saímos da casa de sua mãe estou sentindo algo estranho parece que estamos sendo vigiados [...] era um homem muito estranho que estava retratando a cidade e ao avistar um casal resolveu tirar uma foto, e os dois muito assustados acabaram desmaiando. (grifo nosso, anexo 4, p. 43-44).

No texto 4, os verbos *caminhar*, *ocorrer*, *sussurrar*, bem como a locução prepositiva *quando de repente*, contribuem para a simultaneidade dos acontecimentos no momento da enunciação, pois presentificam um acontecimento perante o marco temporal, *ao anoitecer*. Dessa forma, acredita-se que o aluno deva ter feito uso do mecanismo de embreagem, promovendo a neutralização de termos da categoria de tempo no interior de um mesmo sistema a fim de mostrar que os referidos acontecimentos têm ressonância no presente, e este presente possui uma importância maior que o passado da ação.

Já no período “*algo de errado está acontecendo desde quando saímos da casa de sua mãe estou sentindo algo estranho parece que estamos sendo vigiados*”, trata-se de discurso direto, apesar de não aparecer no texto linguisticamente demarcado. Este enunciado enfatiza, assim, a transformação de enunciado enuncivo em uma enunciação enunciada. Ao delegar voz a um personagem, o estudante-autor instalou no enunciado uma embreagem de segundo grau e, assim, modificou o momento de referência, transferindo-o de um marco do enunciado para um marco da enunciação. Esse mecanismo permitiu instaurar no texto um referente de 1ª pessoa, em contraponto a 3ª pessoa do restante do enunciado. Tal processo justifica-se, talvez, pela intenção do autor em criar autenticidade, indicando que as palavras proferidas são verídicas, autênticas.

Já a forma verbal *resolveu* e *acabaram* relega os fatos a um tempo anterior ao da enunciação, assim transformando a enunciação enunciada em enunciado enunciado, ou seja, o tempo da narração deixa de ser o tempo da enunciação e passa a ser um tempo demarcado no texto. No caso concreto do texto (4), o efeito é transpor os eventos narrados pelos tempos pretéritos para um momento de referência *anterior* à referência presentificada do trecho

inicial: o homem que estava tirando fotos da cidade fazia isso *antes da caminhada de Evelin e seu namorado entrarem em cena*. A história inicia, propriamente, quando este homem percebe o casal andando, pois é o observar desse homem que Evelin percebe, dando início aos eventos centrais da história (é o que é demarcado por *de repente*). Observe-se ainda que o evento descrito por “os dois muito assustados acabaram desmaiando” poderia ser parte tanto da sucessão de ações como vista por Evelin, ou da sucessão de ações vista da perspectiva retroativa instaurada por “era um homem muito estranho...”. O pretérito perfeito indica que pertence a esta última perspectiva – o que faz sentido, pois encerra o segmento textual iniciado por “era um homem muito estranho...”.

Considere-se agora o seguinte exemplo.

- (5) Em uma sexta-feira quatorze, ao meio dia, Fiona estava colhendo flores no cemitério, quando de repente aconteceu algo que a surpreendeu [...]. No outro dia, na sua rotina de trabalho, Fiona começa a pensar como aquilo aconteceu, e de uma hora para outra acontece de novo. [...] Enfim, misturou tudo, ficou sem noção, o relógio desperta e Fiona se dá conta que nada era verdade [...]. (grifo nosso, anexo 5, p.45-46).

No trecho acima, o tempo é demarcado através das expressões adverbiais “*Em uma sexta-feira quatorze, ao meio dia*” e “*No outro dia*”, ou seja, o tempo demarcado é o instaurado no enunciado. Logo após, a situação do plano de fundo é instalada através da forma verbal *estava*. Logo em seguida, o fundo é suplantado pelo plano principal, instaurado novamente pela expressão *de repente aconteceu*. A sequência de pretérito perfeito das formas verbais *aconteceu* e *surpreendeu*, imprimem ao texto uma sequência dinâmica de ações. Então, após o desenrolar das ações anunciadas por “acontecer” e “surpreender”, o aluno-autor insere no enunciado o segundo marcador temporal que, como o primeiro, marca o tempo do enunciado. Porém esse marcador temporal é seguido pelo verbo *começar* flexionado no presente, assim presentificando o acontecimento, pois se trata de um novo dia e a ação expressa pelo referido verbo irá fazer referência a esse presente anunciado. Assim, é provável que o enunciatador tenha pretendido apontar um recomeço das atividades da personagem, pois o marcador temporal refere-se a um novo dia, apesar desse “novo” fazer referência a um tempo anterior ao momento do enunciado, isto é, o presente do narrador, por se tratar de um tempo instaurado pelo fluxo de consciência do próprio narrador e não do enunciatador. Esse fato causa um efeito de retorno à realidade, materializada a partir da forma verbal *começa*,

acontece, desperta e dá. Fiorin diz que o fluxo de pensamento do enunciador o leva a colocar os fatos à luz de acontecimentos anteriores para poder compreendê-los melhor, como ocorre com os verbos *acontecer, misturar e ficar*, flexionados no pretérito perfeito.

Além da observação de incertezas demonstradas pelos estudantes em transitar entre os pontos de referência instaurados em seus textos, o estudo dos verbos como elementos dêiticos proporciona a quem os analisa a constatação de que o tempo pretérito mais-que-perfeito deixa frequentemente de ser empregado pelos estudantes, sendo substituído pelo pretérito perfeito simples, como nos exemplos 6 e 7, embora haja ocorrências bem empregadas do mais que perfeito, como no exemplo 8:

- (6) [...] ao passar na sala uma notícia urgente, ele parou para escutar e ficou assustado porque não sabia se estava ficando louco ou preveu alguma situação pois a notícia que estava dando era a mesma que ele sonhou mas com uma situação ainda mais trágica porque quando a eletricidade voltou um dos metaleiros que estava no castelo do terror sumiu e ainda não tinha sido encontrado só restou a corrente [...]. (grifo nosso, anexo 6, p. 47-48).
- (7) Quando apareceu o clarão do céu Sam e Paulo foram abiduzidos por um extraterrestre, quando os meninos descobriram que os etes eram disfarçados de vampiros ficaram apavorados com o que aconteceu. (grifo nosso, anexo 7, p.49-50).
- (8) Todos ficaram muito apavorados, tentaram de todas as maneiras tirar Carla, mas ela havia sumido. (grifo nosso, anexo 8, p. 51-52).

Admitindo que pretérito mais-que-perfeito composto seja um tempo verbal corrente,⁹ percebe-se que, em casos com 6 e 7 acima, o aluno demonstra não se dar conta de que a referência temporal sofreu alguma alteração, e que, nas referidas circunstâncias, o tempo a que ele se refere é um passado anterior ao passado da enunciação.

No entanto, a dificuldade apresentada em adequar o tempo verbal ao referente temporal, ou seja, a indefinição que o aluno deixa transparecer em seus textos, ao flexionar os

⁹ Acreditamos que, no português coloquial, as pessoas diriam, por exemplo, “Paulo já *tinha saído* quando Maria chegou”, e não “Paulo já *saiu* quando Maria chegou”. Isso mostra que há contextos em que o uso do mais que perfeito composto é necessário e em que não pode ser substituído pelo pretérito perfeito.

verbos de sua escolha não ocorre na mesma proporção quando faz uso dos advérbios como elementos dêiticos: o aluno demonstra ter mais facilidade em reconhecer os advérbios como marcadores de tempo que possuem alguma relação de coerência com um referente temporal anteriormente demarcado no texto, diferentemente do que acontece com as formas verbais.

Assim, percebe-se que a proposta de produção textual na escola deve ser contínua e insistente, envolvendo atividades de reflexão linguística, individuais ou coletivas. Tais atividades devem permitir ao aluno observar o funcionamento dos elementos constitutivos do discurso, de modo geral e, em especial, conforme o enfoque que demos neste trabalho, à relação que se estabelece entre a definição da perspectiva sob a qual o discurso será produzido e as escolhas lexicais e gramaticais que se processarão a partir daí. Tais atividades devem, é claro, ser integradas a atividades de leitura de textos com narrativas gradualmente mais complexas; o professor deve, nessas atividades, induzir o aluno a tomar consciência do uso das formas temporais e de seus efeitos de sentido, de modo a gradualmente adquirir modos mais complexos de expressão e de organização textual.

Considerações finais

A produção textual escolar é o exercício que torna explícita a transformação das informações a que cada indivíduo tem acesso na construção do conhecimento. Porém, essa construção só será satisfatória quando todas as informações adquiridas forem contextualizadas, e a produção textual considerada a partir de uma perspectiva enunciativa, ou seja, que considera a linguagem, o texto, como a manifestação subjetiva de um sujeito, que dela, da língua, se apropria para dizer algo a alguém. Trata-se de um acontecimento único, irreproduzível.

A Teoria da Enunciação possibilita entender como o enunciador articula a formação de sentidos do texto e como mescla elementos linguísticos e extralinguísticos, considerando os aspectos pragmáticos, semânticos e formais da língua.

Assim, faz-se necessário que se trabalhe com o aluno os mecanismos que constituem a enunciação, a debreagem e a embreagem. Mas isso deve ser feito de um modo prático, e não teórico, naturalmente, pois assim o aluno conseguirá perceber que o procedimento discursivo adotado em relação à categoria de pessoa (isto é, narrativa em 1ª ou 3ª pessoa) o obrigará a determinadas escolhas lexicais e gramaticais em detrimento de outras. Desse modo, o

estudante compreenderá e passará a pôr em prática o fenômeno linguístico denominado dêixis, cujos elementos proporcionam a contextualização dos fatos e/ou acontecimentos expressos pelo enunciador. Então, permitir-se-á ao produtor textual a localização de determinados elementos no contexto espaço-temporal, social e discursivo, assim como a definição da perspectiva pela qual ele narrará os fatos, através da escolha consciente dos elementos linguísticos que os referenciarão de forma adequada.

Ao iniciar-se esse trabalho, tinha-se a intenção de proporcionar a estudantes e professores uma reflexão acerca dos critérios de seleção dos elementos linguísticos a serem usados como referentes de tempo, espaço e pessoa, oportunizando-lhes a percepção de que a escolha desses elementos está intimamente ligada à perspectiva enunciativa do seu autor, pois cria-se que o aluno tivesse muitas dificuldades em escolher os elementos linguísticos que determinam corretamente a perspectiva da qual ele narra os fatos. Porém percebeu-se que a maior dificuldade do estudante não está centrada na escolha dos termos que fazem essas referências no discurso, mas na definição do ponto de vista do qual ele observa os fatos narrados. Afinal, demonstra incerteza ao transitar entre os pontos de referência instaurados em seus textos.

Os recortes de textos analisados neste trabalho, sob o prisma da Teoria da Enunciação e do Fenômeno da Dêixis, deixam transparecer de forma curiosa essa indefinição, principalmente quanto à variação da referência temporal demarcada pelo uso dos tempos verbais.

No entanto, a dificuldade apresentada em adequar o tempo verbal ao referente temporal, ou seja, a incerteza que o aluno deixa transparecer, em seus textos, ao flexionar os verbos de sua escolha, (pois é clara sua dificuldade em posicionar-se como enunciador enunciativo ou enunciador enuncivo), não ocorre na mesma proporção quando faz uso dos advérbios como elementos dêiticos, já que o aluno demonstra ter mais facilidade em reconhecer os advérbios como marcadores de tempo, em relação a um referente temporal anteriormente demarcado no texto, do que o próprio verbo.

O trabalho, aqui desenvolvido, leva a crer que o fato de o aluno mostrar-se inconstante perante a escolha da perspectiva da qual narra os fatos, deve-se à falta de clareza a respeito de quem serão seus prováveis interlocutores. Afinal, a quem se destina a produção textual realizada em sala de aula? A que propósito serve a produção textual escolar?

Pode-se afirmar que, enquanto for o professor o único destinatário de tais produções, haja uma grande probabilidade de que o aluno leve consigo, até os anos finais do Ensino Médio, e além, essa dificuldade em assumir um ponto de vista, de forma clara, para a partir

dele desfraldar sua narrativa sem que o texto torne-se ambíguo ou contraditório (salvo se intencionalmente) em relação a pessoa, ao tempo e ao espaço apresentados no texto.

Desse modo, parece evidente que o ensino da produção de texto, desde o Ensino Fundamental e Médio, precisa ser revisto com urgência. No entanto, para que essa mudança de fato ocorra faz-se necessário que professores, alunos e comunidade escolar mobilizem-se para criar e desenvolver metodologias adequadas ao contexto em que estão inseridos para que educadores e educandos percebam que o ensino da gramática de forma integradora é útil e “aplicável” no cotidiano, visto que serve para transmitir informações que, só serão compreendidas em seu sentido pleno se contextualizadas.

Referências

BUSARELLO, Raulino. **Dicionário básico latino-português**. 6 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____ **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008b.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____ [et all.]. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. São Paulo: Pontes, 1987.

GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Departamento Pedagógico. **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul**: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Porto Alegre, RS: 2009.

VARGAS, Maria Valiria. **Verbos e práticas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.